



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES
EDUCAÇÃO FÍSICA LICENCIATURA**

YARA SOUSA ARAUJO

**(RE)FAZER AS TRILHAS:
SISTEMATIZAÇÃO E VALORIZAÇÃO
DAS EXPERIÊNCIAS COM MÍDIA-EDUCAÇÃO
NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

FORTALEZA – CE

2021

YARA SOUSA ARAUJO

(RE)FAZER AS TRILHAS:
SISTEMATIZAÇÃO E VALORIZAÇÃO
DAS EXPERIÊNCIAS COM MÍDIA-EDUCAÇÃO
NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Educação Física

Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Tatiana Passos Zylberberg

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A692(Araújo, Yara Sousa.
(RE)Fazer as trilhas : Sistematização e valorização das experiências com mídia-educação na formação inicial / Yara Sousa Araújo. – 2021.
41 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2021.
Orientação: Profa. Dra. Tatiana Passos Zylberberg.

1. Narrativa autobiográfica. 2. Mídia-educação. 3. Educação física. I. Título.

CDD 790

YARA SOUSA ARAUJO

(RE)FAZER AS TRILHAS:
SISTEMATIZAÇÃO E VALORIZAÇÃO
DAS EXPERIÊNCIAS COM MÍDIA-EDUCAÇÃO
NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Educação Física

Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Tatiana Passos Zylberberg

Aprovado em: 02 / 09 / 21

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Tatiana Passos Zylberberg (Orientadora)
IEFES - Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr^ª. Luciana Venâncio
IEFES – Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr^ª. Maria Eleni Henrique da Silva
IEFES – Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedicatória

Aos professores(as) que transformam trilhas

AGRADECIMENTOS

Durante a trilha que é a vida eu sempre imaginei que esse momento chegaria, mas quanto mais perto, mais longe parecia. Eu sempre tive medo, medo de chegar “no fim”. Para que ao fim eu descobrir que é apenas o começo de muita coisa que *A gente nem sabia que podia ser!*

Nessa trilha intensa, não linear eu fui muito abençoada de diversas maneiras. Como cristã devo agradecer a Deus que escreveu a minha história e nos dias mais difíceis me encheu de fé e da certeza de que tudo passa! O que é bom passa, e o que é ruim também e assim se faz a vida.

Agradeço a minha família! Meu pai Mariano, que dizia quase como se fosse um mantra: “A maior herança que eu vou te deixar são os estudos!” Minha mãe Janilce, que me ensina todos os dias a levar a vida com leveza e nos dias mais intensos diante do computador me surpreendia com um pãozinho com café e outras delícia. Minha irmã Izabel porque enquanto eu pensei em desistir ela estava lá para dizer que se eu desistisse agora, mais cedo ou mais tarde eu ia ter que fazer. Ela assistiu todas as dancinhas ansiosas que eu fiz antes de escrever ou entregar alguma parte desse trabalho. Minha cachorrinha Amy que virou noites acordada comigo durante essa escrita e só ia dormir quando eu ia também.

A todos os professores da minha família principalmente minha mãe e irmã! E o Tio Evandro (meu tio) e primeiro professor de Educação Física que eu conheci. No dia que vi um ex-aluno falando com ele na praia, agradecendo tão sinceramente e contando como estava a vida depois da escola, senti que ser professor é algo que é eterno e reverbera.

A minha Professora, Orientadora, Amiga, Confidente tudo no maiúsculo Tatiana Passos Zylberberg que desde o semestre 1 está ao meu lado acreditando mais em mim do que eu mesma! Abro esse espaço também as professoras do IEFES, mulheres incríveis que eu admiro e me inspiro muito. Honrar os professores e o que fizeram por mim virou um propósito.

Meus amigos de trilha Daniel e Mateus que estavam ao meu lado a cada palavrinha desse TCC e sempre atentos quando eu chamava! Minhas amigas de turma Juliana Marques e Monaliza Reis que foram portos mais do que seguros no meio desse processo! Minha bolha Carla, Miguel e Kayllyny com quem eu partilho todas as coisas boas e me sinto segura de partilhar todas as coisas ruins também. A todos que partilharam essa trilha comigo, abraçamos junto! Isso é nosso.

RESUMO

O seguinte trabalho relata o percurso de valorização e sistematização das experiências com mídia-educação na formação inicial em Educação Física. Utilizando a narrativa autobiográfica, como metodologia afim de gerar maior identificação com o tema de pesquisa. Apresento o processo de valorização da experiência e do conhecimento fora da universidade integrando com a formação inicial em Educação Física, explorando diversas maneiras de aprendizado. Construindo um diálogo com a obra de Edgar Morin: Os sete saberes necessários à educação do futuro; este TCC descreve a trilha de conhecimentos adquiridos durante a graduação em Educação Física. Descrevendo experiências, dentro da universidade e fora dela, que contribuíram para desmistificar os "erros" e percepções da educação básica; que em uma visão tradicional colocam os alunos em um lugar de receptáculo vazio. Compreende o processo de construção da docência dentro da graduação entendendo o professor como um eterno "aprendente" e deixa a missão de ser esse sujeito que valoriza as trilhas discentes afim da construção de identidade do indivíduo.

Palavras-chave: educação física, narrativa autobiográfica, mídia-educação, multiletramentos, experiências

ABSTRACT

This work reports the path of valorization and systematization of the experiences with media-education in the initial formation in Physical Education. Using autobiographical narrative as a methodology in order to generate greater identification with the research topic. I present the process of valuing experience and knowledge outside the university, integrating it with initial training in Physical Education, exploring different ways of learning. Building a dialogue with the work of Edgar Morin: The seven knowledge necessary for the education of the future; this TCC describes the path of knowledge acquired during graduation in Physical Education. Describing experiences, inside the university and outside it, that contributed to demystify the "errors" and perceptions of basic education; which in a traditional view place students in an empty receptacle place. It understands the process of construction of teaching within graduation, understanding the teacher as an eternal "learner" and leaves the mission of being that subject who values the student paths in order to build the individual's identity.

Keywords: physical education, autobiographical narrative, media education, multiliteracies, experiences

SUMÁRIO

PRIMEIROS PASSOS NA INCERTEZA DO CONHECIMENTO	9
A TRILHA DE ILUSÕES: DOS ERROS DISCENTES A CEGUEIRA DOCENTE ..	18
RESGATE DOS PRIMEIROS INSTANTES MIDIÁTICOS NA TRILHA	22
PRODUÇÕES COM DIÁLOGO E ORIENTAÇÃO: O MOMENTO QUE COMECEI A ENTENDER QUE NÃO ESTAVA PERDIDA	28
ENSINO REMOTO, APRENDIZAGEM NA CARNE: ENFIM ENTENDI QUE NÃO ESTAVA PERDIDA.....	36
A TRILHA CONTÍNUA NO HORIZONTE	40
REFERÊNCIAS	41

PRIMEIROS PASSOS NA INCERTEZA DO CONHECIMENTO

Eu sempre gostei de recursos de imagem, vídeo, produção audiovisual, infográficos e qualquer tipo de ferramenta que esquematizasse o conhecimento, de forma atrativa e envolvesse a sensibilidade de quem assistisse.

Durante a graduação no curso de Educação Física na Universidade Federal do Ceará (UFC), nos trabalhos das mais diversas disciplinas, busquei expor o que eu vinha aprendendo em diversas linguagens. Criei jornal impresso, videodocumentário, fotografias, performance, portfólio, jogos de tabuleiro virtual, cujos detalhes explicarei adiante. O que importa neste momento é a mudança de compreensão que demorou a chegar, porque de 2016 a 2021 eu achava que as minhas produções eram simples, às vezes ousava dizer que estavam beirando a mediocridade. Por muito tempo as minhas produções foram desacreditadas por mim mesma, inclusive na angústia e nas múltiplas desistências na escrita desse TCC. Escrevia e apagava, pensando: “é só isso que posso oferecer?”

Iniciei em 2012 o curso de Dança na UFC. Abandonei! Tentei me lançar numa “outra tentativa” e foi assim que cheguei na Licenciatura em Educação Física (vespertino-noturno). Quando ingressei nessa graduação, em 2016, eu só queria um diploma. As minhas relações com o curso eram rasas, sem muito afeto ou interesse. Talvez pela idade, talvez pelos abandonos diversos, talvez eu só queria me formar no ensino superior.

No ano de 2018 após algumas trilhas desfeitas na vida, me vi diante de uma encruzilhada, foi um momento de (re)construção e percebi que precisava me compreender no mundo, encontrar algo que desse sentido a minha existência (PEREIRA, 2014).

No segundo semestre de 2018 eu estava literalmente sentada no corredor, olhando ao redor e perguntando o que eu fazia na universidade. Tinha abandonado algumas disciplinas, meu IRA¹ estava baixo e minha autoestima tinha caído junto. A Profa. Tatiana Passos Zylberberg me abordou, ela tinha sido minha professora em algumas disciplinas. Chegou com o convite-convocatório para a minha participação no projeto de extensão Conecte e Crie (C&C)² como bolsista remunerada da PREX, dizendo que eu precisava mergulhar na universidade para enxergar o que já “sabia”. A partir do aceite e da decisão de participar de

¹ IRA é a sigla do índice geral de notas, do rendimento acadêmico.

² <http://www.conectecrie.ufc.br>

forma mais inteira, comecei a viver uma nova imersão no ambiente acadêmico que, antes rasa, passou a profunda.

Em pequenos passos e outras tantas conversas com a professora Tatiana e entendi que eu podia “fazer mais”, passei a aprender sobre mídia-educação, criando! No projeto Conecte e Crie me deparei com diversas oportunidades de aprendizado, linguagens, produções. Logo que iniciei a ação no projeto, editei três vídeos que seriam utilizados numa formação de professores do projeto de Ensino Médio inclusivo promovido pelo Instituto Rodrigo Mendes.

O primeiro vídeo foi uma entrevista com o ex-aluno do IEFES, André Cyrino, atual professor da rede pública do Ceará, que falou sobre Educação Física e Interdisciplinaridade. A fala do professor André é pautada em três perguntas que em algum momento de seu percurso docente foram feitas para ele.

A primeira pergunta: “Professor isso é Educação Física?” o(a) aluno(a) fica surpreso(a) pelo conteúdo abordado durante a aula. O questionamento explicita a relação desse(a) aluno(a) com uma Educação Física baseada na perspectiva tradicional/esportivista de ensino, influenciada por discursos higienistas e seguindo interesses militares (DARIDO, 2001). Como o Prof. André destacou: uma Educação Física simplista, básica ou óbvia, percepções que limitam a Educação Física ao gesto, a repetição e ao esporte.

A segunda pergunta: “Professor o senhor devia ensinar a gente e não desensinar?” Quando o professor relaciona questões de sexualidade com esporte, citando o voleibol e os estereótipos presentes na prática. Evidenciando que o valor da experiência está na lição que será aprendida e estará presente na vida. De que vale saber as regras do voleibol se elas não carregam nenhum sentido? Como esse saber dividido, compartimentalizado será presente na vida deste(a) aluno(a) se viver em si não é compartimentalizado? Não é possível se desvencilhar das marcas da experiência, já as regras do voleibol eu posso conhecer sem que elas produzam algum sentido.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) o Ensino Médio está presente na construção e viabilização do projeto de vida dos estudantes promovendo seu desenvolvimento pessoal e social através da consolidação de seus conhecimentos. Um processo que conduz o estudante em uma busca que não é por respostas, mas por sentidos (PEREIRA, 2014).

A terceira pergunta: “Professor isso serve para quê?” é a única pergunta que faz com que o professor André se sinta mal durante uma aula. É uma pergunta que coloca em cheque a ação docente. Refletirei com aprofundamento, mais adiante no texto, nesse momento, são importantes apenas as constatações iniciais que me deparei nestas primeiras filmagens/edições.



Figura 1: Recortes do Youtube, vídeo na íntegra disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=xcxukqocUoA>

O segundo vídeo também foi uma entrevista com uma ex-aluna do IEFES, Klertianny Teixeira, na época professora substituta no IFCE, que falou sobre os sentidos na Educação Física Inclusiva. A palavra sentido aqui não está apenas sob a noção de significado, mas também de sentir, experienciar. E na busca por sentido para esses estudantes veio a necessidade de escutar cada um, que culmina na experiência de planejamento participativo, uma estratégia em que os(as) alunos(as) se envolvem efetivamente nas escolhas das temáticas de aula.

Ainda na intenção de entender a juventude a Profa. Klertianny falou sobre “olhar pela primeira vez” e, nas palavras de Larrosa Bondia, é abrir-se à experiência:

Se o experimento é repetível, a experiência é irrepitível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer” (LARROSA, 2002, p.28).

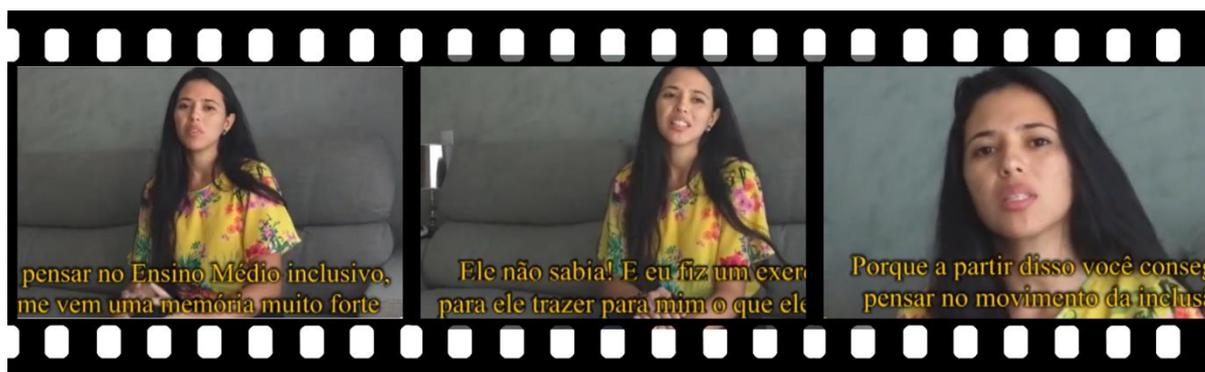


Figura 2: Recortes Klertianny Teixeira , vídeo na íntegra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v7Xqd1J5Zcl>

O terceiro vídeo a aluna, Rayloma Lemos, que tem deficiência visual, partilhou a sua história de vida até o primeiro ano no IEFES como estudante. Relatando a resistência dos professores à Educação Inclusiva, quando eles se recusavam a adotar estratégias individualizadas e diversificadas nas aulas. Essa atitude excludente dos professores na escola, fez com que a aluna criasse as suas próprias técnicas para acompanhar o conteúdo, como decorar o texto do livro. Rayloma descreveu suas expectativas diante do ensino superior, mas a percepção que teve foi que nem todos os professores, inclusive os da universidade, estavam preparados para lidar com pessoas com deficiência. Entre as experiências destacadas pela estudante está uma aula da Profa. Tatiana, em que os(as) alunos(as) participam da exposição De Corpos No Mundo³. Essa produção, diferentemente das duas primeiras, já assumiu características de documentário clássico, alternando a narrativa com registros anteriores da experiência de Rayloma no IEFES. Acrescentei a “voice over”, narrativa de áudio descrição, que produzi para explicar as imagens que contextualizavam a sua história, inserindo trilha sonora de abertura, variando plano de câmera; alcançamos Eu e a Profa. Tatiana, uma sensibilidade estética que expandiu as possibilidades desse vídeo. Essa produção posteriormente tornou-se a minha primeira apresentação em um evento acadêmico sobre mídia esportiva, experiência que vou relatar mais à frente.

3 Um dos projetos de extensão coordenados pela Profa. Tatiana Zylberberg é o “De Corpos No Mundo”, uma exposição no escuro onde os participantes tocam esculturas que representam os estágios do desenvolvimento humano, instalada no campus da UFC-pici, no Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES).



Figura 3: Recortes Rayloma Lemos , vídeo na íntegra disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=dL5DpzuORp0>

No registro e edição desses três vídeos, eu tinha a missão de transformar falas de 10 minutos em vídeos com 5 ou 3 minutos, que transmitissem a paixão que eu pude sentir ao assistir o registro completo. Cada fala era tão apaixonada que eu fiquei pensando: “Onde eu estava que não vivi esse amor todo pela Educação Física? Eu estava olhando para onde? E pela primeira vez, eu comecei a esboçar certo valor ao que era capaz de produzir”.

Olhando agora, anos depois, vi que ainda precisei de muito mais tempo para enxergar as minhas potencialidades na e com a mídia-educação.

Neste sentido, que este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nasceu do desafio de (re)fazer as trilhas, um exercício dolorido e, ao mesmo tempo, incrível, de sistematizar e valorizar as experiências de mídia-educação vividas na formação inicial em Educação Física.

Portanto, o **objetivo geral** deste trabalho é reconhecer a importância de “refazer as trilhas” identificando as produções de mídia-educação na formação inicial como professora de Educação Física. Um dos **objetivos específicos** é sistematizar as inúmeras produções autorais de mídia-educação desenvolvidas como discente; o **segundo objetivo específico** é refletir a partir do referencial teórico possibilidades relevantes e viáveis para a futura atuação docente na escola.

Uma das primeiras coisas que li durante minhas idas a Biblioteca Central do Campus do Pici foi que a Ciência devia ser acessível, a pesquisa devia ser escrita de uma maneira que qualquer pessoa que leia, entenda. Esse era um compromisso que eu teria comigo mesma a partir de então. Vou escrever com o objetivo de alcançar a compreensão de várias pessoas, gerando sentimento de identificação.

Iniciar a escrita deste trabalho de abordagem qualitativa não foi um processo simples, pois já sabia que existem modos de escrita dominantes no meio acadêmico, e outros que são excluídos (LARROSSA, 2003). Como sugestão da orientadora Prof^a Dr^a Tatiana Zylberberg durante a disciplina de Educação Física e Mídia 2020.2 conheci o trabalho de PEREIRA (2014) e sua tese escrita em forma de ensaio.

Diante da proposta de explorar as produções de mídia realizadas por mim ao decorrer do curso, fazendo resgates não necessariamente numa ordem cronológica, a proposta de escrita como “ensaio” apresentou-se como uma possibilidade. Por ser um gênero opinativo, que propõe uma análise temática mais profunda, ao invés de se basear pela visão objetiva do pensamento, o ensaio questiona as fronteiras dos padrões dominantes de escrita acadêmica entrelaçando ciência e arte proporcionando liberdade para explorar o tema.

Revisitar o meu percurso acadêmico, refletindo sobre as ações e articulando as experiências vividas com o conhecimento adquirido, me conectou ao desenvolvimento do trabalho e desmistificou o processo de escrita que era, inicialmente, um dos maiores desafios acadêmicos.

A escrita deste trabalho se configurou num momento de autoconhecimento e conhecimento das aprendizagens a partir das minhas experiências. Resgatar as memórias do curso de Educação Física desde fevereiro de 2016 a agosto de 2021, serviu para entender que o que eu estava fazendo ali não era “qualquer coisa”. Consegui associar vários conhecimentos que eu nem imaginava que estavam presentes na minha vida, e adquiri o gosto por estudar temáticas do meu interesse. Foi um processo muito complexo, mas prazeroso. Eu não acreditava que isso seria possível! O pensamento arcaico de que “temos que LUTAR pelas coisas porque só conseguimos com muito suor e lágrimas” foi se derretendo. Vi que podia CURTIR a viagem de escrever. Isso me fez entender o que dizia minha orientadora, Tatiana Zylberberg sobre “a crença de onde há prazer, não há consistência e densidade. Ela sempre insistiu que eu compreendesse que produzir um trabalho acadêmico de abordagem qualitativa e, dar voz a primeira pessoa; é também Ciência”.

Entre as sugestões do parecer da banca na leitura do TCC1, a Prof^a Dr^a Luciana Venâncio indicou que eu conhecesse as “Narrativas Autobiográficas” (JOSSO, 2002; NÓVOA, 2010; SOUZA, 2010; ABREU, 2015; VENÂNCIO, SANCHES NETO 2018 e 2019). A partir da leitura do artigo de Fernandes e Almeida Júnior (2013), compreendi que

enquanto a minha escrita não fizesse sentido pra mim, ela não seria capaz de agregar valor ao meu desenvolvimento pessoal e profissional. A narrativa se configurou nessa busca de sentidos por meio da investigação de experiências do/no meu processo.

Foi ao (re)escrever a minha história que esbarrei em conceitos fundamentais para a minha formação como docente. Precisei ir e vir na linha do tempo, revisitar, rever e investigar os conceitos já presentes no início da formação inicial, mas que só na escrita do TCC, que a densidade, articulação, entrelaçamento, dos aprendizados com as experiências no decorrer do curso, ficaram enfim, visíveis para mim. “Faltava descobrir como esse entrelaçar seria organizado” (PEREIRA, 2014, p. 58).

Como pesquisa qualitativa, este trabalho faz mais referências a seus fundamentos epistemológicos, com o olhar voltado para possibilidades interpretativas, apresentando um vínculo entre o objeto de pesquisa e o contexto atual (CHIZOTTI, 2014). Essa abordagem valoriza a interação do sujeito-eu e permite que o(a) autor(a) se posicione em primeira pessoa explorando a complexidade das relações com o objeto de estudo. As narrativas possibilitam reflexão e conseqüentemente auxiliam o processo formativo do sujeito-narrador (ALVES, 2015).

A pesquisa autobiográfica é uma metodologia relativamente nova no Brasil:

A pesquisa (auto)biográfica no Brasil, na área da Educação, surge por volta da década de 1990, adotando as histórias de vida, como método (auto)biográfico e as narrativas de formação como movimento de investigação-formação, tanto na formação inicial quanto na continuada centrando-se nas memórias e trajetórias de vida de professores. (ALVES, 2015, p.2)

Durante o processo de investigação e escrita desta narrativa autobiográfica, a partir da reflexão na e sobre a ação, me vi em episódios constantes de tomada de consciência acerca dos aprendizados adquiridos durante o curso e, como estes se relacionam diretamente com a minha visão de mundo. A escolha da narrativa autobiográfica além de abranger os objetivos da pesquisa também resultou num processo emancipatório, “parido” do autoconhecimento e da autoconsciência, capazes de estreitar as relações entre vida, pesquisa e ensino (ABREU; NÓBREGA-TERRIEN; SILVA, 2017).

Explorando a narrativa autobiográfica compreendi que a memória de mim dialoga com o curso de Educação Física de uma maneira geral e, se mostrou fundamental para e na construção da minha identidade como futura docente.

A minha compreensão ainda limitada do que pode, ou não pode na escola/universidade permaneceu comigo quanto as possibilidades de produção de conhecimento acadêmico; conhecer recortes de narrativas autobiográficas por Venâncio e Sanches Neto (2018, 2019), mostraram o contrário.

Este trabalho conecta um percurso individual com características globais de uma situação histórica (FERRAROTTI, 2010), no caso, a formação inicial em Educação Física pela UFC. Essa metodologia valoriza a subjetividade como valor de conhecimento e se sustenta quase totalmente em dados qualitativos (SANTOS; GARMS, 2014). O paradigma interpretativo se dá a partir da observação e investigação permite apropriar-se dos processos e compreender seus elementos formadores (ABREU; NÓBREGA-THERRIEN; SILVA, 2017).

As narrativas autobiográficas além de colaborarem com a ciência da educação trazendo ao cenário perspectivas e conhecimentos singulares, de acordo com Santos e Garms (2014), colocam o sujeito no lugar de protagonista de sua formação e também do processo investigativo sobre a mesma. O sentimento de identificação presente nas narrativas expressa o seu potencial educativo; quanto mais reflexões sobre situações cotidianas podemos absorver, mais preparados estaremos (SANTOS e GARMS, 2014).

Busquei, neste trabalho, uma mudança de paradigma que permitisse o conhecimento complexo, motivando a autonomia da mente para refletir, questionar e me apropriar livremente das ideias de possumo, e que me possuem de maneira crítica, autocrítica e complexa (MORIN,2001).

Com esta narrativa o(a) leitor(a) será capaz de descobrir como o meu conhecimento se transformou a partir das minhas experiências como docente do curso de Educação Física da UFC. A metodologia reflete a repercussão das experiências de vida permeada de tensões e desafios, reais e imaginários (SANTOS e GARMS, 2014) no decorrer dos anos de graduação de 2016-2021.

Sistematizei as minhas produções autorais com mídias e estabeleci um diálogo com Edgar Morin nas obras de “Os 7 saberes necessários para a Educação do Futuro” e “Cabeça bem feita” como arcabouço do trabalho, traçando conexões com a Pedagogia dos Multiletramentos (PEREIRA, 2014; CAZDEN et al., 1996), mídia-educação (FANTIN e GIRARDELLO, 2009; GIRARDELLO, 2012, 2018; ZYLBERBERG, 2010, 2013, 2014);

Tecnologias de comunicação e Informação na Educação Física (BIANCHI 2007; BIANCHI, PIRES, 2010) contando os desafios de estabelecer pontes entre os limites e as possibilidades para a Educação Física escolar.

Identifiquei e interpretei os *saberes, erros e ilusões* (MORIN, 2001) presentes no meu percurso escolar e ao longo da graduação. A minha percepção como potência de se fazer educação a partir de tudo o que eu fiz como produção autoral, se transformou ao longo da formação inicial. Defendendo que não há apenas um caminho para se fazer Educação Física e trago a mídia-educação como uma possibilidade na formação e na atuação em Educação Física.

A TRILHA DE ILUSÕES: DOS ERROS DISCENTES A CEGUEIRA DOCENTE

Eu nunca quis ser uma coisa só!
E talvez por isso tenha sido tão confuso
o percurso até entender
que aquilo que eu quero fazer era múltiplo!

Para entender como eu cheguei aqui, e porque é tão importante falar sobre o significado dessas experiências na graduação, porque é tão importante que o aprendizado, tenha sentido para o(a) aluno(a), volto mais atrás na minha história.

Na educação básica, eu hoje percebo uma sequência de “erros”, percepções equivocadas sobre o conceito de ser “boa aluna”:

O maior erro seria subestimar o problema do erro; a maior ilusão seria subestimar o problema da ilusão. O reconhecimento do erro e da ilusão é ainda mais difícil, porque o erro e a ilusão não se reconhecem, em absoluto, como tais (MORIN, 2001, p.19)

Lembro como se fosse hoje do “primeiro erro”. Avaliação de matemática, primeira série do ensino fundamental (atual segundo ano), soma de números naturais. Até aquela prova a turma sabia fazer o método de riscar palitinhos e somar, contando todos eles juntos. Em uma das questões, existia uma conta com soma de dezenas. Essa operação era novidade para a turma que, até então, só havia feito soma de unidades. São só mais alguns palitos! Eu pensei. A turma inteira ia tirar dúvidas com a professora sobre o que fazer diante de números tão grandes. Eu imaginei que não seria muito difícil, eu só precisava de uma folha maior e muita atenção, para não me perder na contagem dos palitos. Quando entreguei a prova fui elogiada por não ter feito perguntas. Todas as crianças da turma perguntaram como fazer a questão e, com certeza, resolveram mais rápido que eu pois usaram um método mais eficiente, mas eu quem fui elogiada! Eis o erro-ilusão número um: “sabe mais aquele que pergunta menos!”

Como uma criança aos sete anos de idade acredita que tirar dúvidas é ruim? Te faz menos sábio? Eu comecei a acreditar nisso cedo e confirmei visto que nos anos seguintes a pessoa que tinha dúvidas era ridicularizada pela turma. Eu?! Não ia passar por isso de jeito nenhum!

Em seu livro “Os Sete saberes Necessários à Educação do Futuro”, Edgar Morin (2001) fala sobre como a afetividade pode sufocar o conhecimento assim como fortalecê-lo. O sentimento de reconhecimento quando a professora me elogiou reforçou a ilusão de que “não perguntar” seria algo positivo. O medo de errar nos impede de responder aos questionamentos feitos pelos(as) professores(as) durante a aula. Entretanto, quando identificamos os erros e as ilusões construídas em uma educação bancária (FREIRE, 1997) que desenvolvemos mais plenamente o conhecimento científico.

Morin (2001,2003) esclarece que o “erro mental” é algo que ninguém disse, mas nós acreditamos a partir das fontes da nossa própria “cabeça bem cheia”. Mentiras da nossa mente que justificam ações, nos isentam de responsabilidades e existem em função do nosso benefício, afinal foram criadas por nós e para nós. Um dos meus erros mentais era acreditar que ser uma boa aluna estava diretamente relacionado a fazer o que pediam e no menor tempo possível.

A professora solicitava elabore 10 questões sobre o capítulo 5 e eu fazia em 5 minutos. Achava isso um motivo para me orgulhar. As questões:

01. Qual o nome do capítulo?
02. Quanto é 2+2?
03. Se eu misturar vermelho com azul que cor forma?

Era esse o nível de complexidade das minhas propostas. Funcionava muito bem. Nas provas a facilidade de decorar os trechos dos capítulos sempre me ajudou, então eu conseguia alcançar o 9 e o 10 lendo e copiando os capítulos *receitados*⁴ pelos professores. Assim foi durante toda a minha educação básica, processo baseado em: ler e escrever o que foi lido em um caderno de provas, em uma linguagem verbal. Uma maneira restritiva, formalizada e excludente de uma linguagem governada por regras (CAZDEN et al, 1996).

O erro seguinte veio no primeiro ano do ensino médio: o erro intelectual e com ele a resistência a novas formas de aprendizado ou qualquer outra experiência nova. Qualquer professor que apresentasse um filme durante a aula, ou alguma metodologia ativa era julgado

4 Referência a receita de bolo da educação básica em que os processos devem ser executados tal qual descrito para obter um bom resultado.

(por mim e pela turma)⁵ por “não fazer seu trabalho direito”. Nós conhecíamos uma maneira de “aprender” e essa não podia ser refutada (MORIN, 2001).

A boa aluna, que sabia as páginas do livro decoradas, foi ao quadro para corrigir uma questão de prova. Nesse momento não bastou a “arte de marcar x”. O meu x marcado na prova com tanta convicção tinha que ser justificado, isso era novo para mim! Estava certo e eu não sabia o motivo desse acerto. Porque “está no livro” não é justificativa suficiente. Conhecimento não é algo que se coloca numa folha de papel sem critérios, ou sem investigar a sua natureza, isso é uma ilusão de saber (MORIN, 2001).

Em 2009, tive a oportunidade de dar aulas de português em um cursinho preparatório para os principais vestibulares de Fortaleza. Nas aulas de português e redação e eu sempre falava: “Eu não vou te ensinar Português e Redação eu vou te ensinar a passar na prova”. E eu ensinei, tive 10 alunos aprovados. Como se em todos esses anos de formação a única coisa que realmente importasse fosse a prova. Esse foi o erro da razão (MORIN, 2001). Ao racionalizar a produção de um gênero textual, criar um método de cometer menos erros durante a prova, constituí um sistema lógico, baseado em deduções fundamentadas em probabilidades a partir de exames anteriores. Um método mecanicista que transformou os jovens que passaram por mim como números. Não sei o que eles fizeram depois, não tinha interesse em saber qual curso prestariam, só estava preocupada se o método iria “favorecer” a aprovação... se funcionaria.

Essa sequência de erros, se configurou na trilha de ilusões que por muito tempo me condenou a cegueira discente. Foi assim que eu dei conta que passei anos escolares e os primeiros anos universitários... muito iludida! Aceitando e obedecendo a *zona invisível dos paradigmas* (MORIN, 2001 p.24). Ou você sabe ou não sabe; céu ou inferno; razão ou emoção; mídia ou educação... paradigmas inconscientes, que afetam o pensamento consciente e o controlam, ao mesmo tempo que tem o poder de elucidar e revelar, podem cegar e ocultar (MORIN, 2001). Os meus paradigmas invisíveis limitaram diversas possibilidades de aprender e experimentar, porque não eram parte das minhas operações lógicas-mestras, em que eu privilegiava os números que representavam meus resultados na folha de avaliação, em detrimento da reflexão que eu poderia fazer diante dos conceitos. Fui refém de uma educação bancária, em que o(a) professor(a) narra e descreve conteúdos desprovidos de sentido ou

⁵ Inclusive na época fizemos abaixo assinado julgando que os(as) professores(as) que mais utilizavam vídeos estavam “enrolando” e não dando aula. Muitos deles foram demitidos após estas manifestações.

conexão com a realidade, como se os(as) alunos(as) fossem copos vazios e o(a) professor(a) tivesse a missão soberana de encher (FREIRE, 1997).

Foi no curso de Educação Física da UFC, que me deparei com o “foco no sujeito”: os(as) alunos(as) como agentes criadores do seu próprio processo e o professor como facilitador. Criei coisas eu nem imaginava que podia fazer, uma infinidade de oportunidades de aprender, uma gama de possibilidades de ensinar (ZYLBERBERG e BEZERRA, 2017). Diante disso, compreendia o papel do(a) professor(a) como um(a) investigador(a) das potencialidades dos seus alunos(as).

Ao articular os conteúdos de Educação Física a realidade do(a) aluno(a) estamos abertos a várias linguagens, incluindo a mídia, que está presente na maior parte de nosso tempo e ao alcance das nossas mãos por meio dos smartphones.

Estabelecendo essa ponte entre a mídia e outras linguagens é possível desenvolver vivências que gerem um maior sentimento de identificação dos estudantes e com isso proporcionar um aprendizado mais significativo. É a partir dessa contextualização que defendo a utilização de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como estratégia para desenvolver experiências de aprendizagem que promovam o diálogo e colaborem na formação dos(as) alunos(as) como agentes críticos-criativos-conscientes do seu pensar-sentir-agir-ser no mundo.

RESGATE DOS PRIMEIROS INSTANTES MIDIÁTICOS NA TRILHA

Durante a minha formação na educação básica só existia uma maneira de expressão “autorizada” era o “lápiz compulsório sobre o papel”. Eu tinha três maneiras de mostrar que eu tinha aprendido algo: prova escrita, trabalho escrito ou apresentação de seminário. Eu conseguia fazer as três muito bem, gostava de ler e escrever e decorava tudo o que era necessário um dia antes das provas. Para os trabalhos escritos um enfeite aqui, outro ali, sem borrar a folha, copiando grandes textos retirados do próprio livro ou da internet.

De tanto refazer esses processos para as mais diversas disciplinas na educação básica, normalizei e me conformei com essa metodologia. Só é esse que pode, só é esse que vale! Morin (2001) atribui esse conformismo aos paradigmas invisíveis citados anteriormente.

O poder imperativo e proibitivo conjunto dos paradigmas, das crenças oficiais, das doutrinas reinantes e das verdades estabelecidas determina os estereótipos cognitivos, as ideias recebidas sem exame, as crenças estúpidas não-contestadas, os absurdos triunfantes, a rejeição de evidências em nome da evidência, e faz reinar em toda parte os conformismos cognitivos e intelectuais. (MORIN, 2001, p.26)

O conformismo que me impedia de questionar e me fez aceitar o(a) professor(a) como a pessoa que determinava o que tinha que ser feito e eu como a pessoa que tinha que seguir as regras era muito mais do que conformismo, Morin (2001) chama de *imprinting cultural*. São marcas da experiência na família, na escola, que seguem na universidade e na vida profissional. As minhas marcas colocaram o meu poder de criação como algo que só poderia ser um hobby. Conhecimento científico? Jamais!

No primeiro semestre da graduação, em 2016, a disciplina de Fundamentos Filosóficos da Educação Física me apresentou ao “Ser múltiplo” que é a professora e orientadora deste trabalho Tatiana Passos Zylberberg. Até àquela altura eu não sabia disso, mas a professora Tatiana encontrava um jeito diferente de dar aula a cada semana. Diferente da receita de bolo que eu reproduzia com frequência, proposta pelos professores que passaram em minha vida: um trabalho descritivo que no fim das contas não afetava e nem considerava a minha experiência; a professora Tatiana apresentou o “Mapa do Percurso” que como Denise Parra⁶ falou em suas aulas: “*Pode tudo! Só não pode qualquer coisa!*”

6 Denise não conheceu Tatiana, mas no tempo que fui estudante e ela era docente dos cursos de bacharelado e licenciatura em Dança da UFC, esta expressão era repetida por ela se referindo a “tal liberdade de criar na universidade”, que exige fundamentação e critérios.

O Mapa do Percurso (ZYLBERBERG e BEZERRA, 2017) é um processo avaliativo em que o aluno escolhe a maneira que vai apresentar o seu desenvolvimento ao final da disciplina de Fundamentos Filosóficos da Educação Física. O rumo da disciplina é um só: apresentar os filósofos e suas concepções de corpo na antiguidade com Sócrates, Platão e Aristóteles, na Idade Média com Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, na Modernidade com Descartes, Kant, Foucault e Spinoza e na Contemporaneidade com Maurice Merleau-Ponty. O rumo é um só, mas percursos são vários porque são individuais! O que cada pessoa aprendeu e como aprendeu, “desenha” um mapa único. A proposta do trabalho é apresentar o seu ponto de partida e o caminho traçado por você para alcançar o aprendizado ao final da disciplina.

A minha primeira produção na graduação de linguagem híbrida foi apresentada no Mapa do Percurso em 2016.1, iniciava com exibição de vídeo editado e eu entrava em cena, presencialmente, com uma performance art⁷ que envolvia a participação do público.

O vídeo apresentou elementos da minha rotina, no primeiro semestre de graduação. Dava aulas de dança e ballet para crianças, bailarina de uma academia de dança local participando de competições, frequentava aulas na universidade e era dona de uma concepção Cartesiana de Corpo. Defendia o corpo máquina, o que se apresentava útil para um determinado fim, que no meu caso era a dança e pronto! Eu estava no curso para aprender mais sobre o corpo máquina e assim melhorar a performance das minhas alunas. Esses recortes presentes no vídeo enquanto ainda existia em mim a crença no corpo máquina foram apresentados em preto e branco como se a ausência de cor representasse um período de não saber. Sabia fazer, sabia como fazer, mas não sabia por que fazia.

Inseri outros recortes, juntando uma série de coisas que vi e me tocaram naquele período. Como a cena do encontro com a água, o momento de virada no filme *O Milagre de Anne Sullivan*, trecho em que Hellen Keller passa a se comunicar, dar nome as coisas e se conectar com o mundo. Assim eu me sentia, representando em cores os encontros possíveis daquele período. A disciplina de Fundamentos Filosóficos da Educação Física e o Mapa do Percurso me apresentaram o Inesperado (MORIN, 2001), ideias novas, incapazes de habitar no meu eu antigo. Foi o momento de rever as teorias e ideias que estava apegada como se fossem únicas, e dar espaço para as novas maneiras de explorar o aprendizado.

⁷ Na época em chamada de performance, mas anos depois cursei uma disciplina no IEFES com a Profa. Tatiana Zylberberg na qual conheci a dissertação da Nova (2016).



Figura 4: Recortes do meu Mapa do Percurso, o vídeo na íntegra disponível em: <https://youtu.be/XQng3Pe-f8E>

Apresentei como performance art para que ficassem marcados, no corpo, os encontros daquele dia considerando que:

Cada corpo é afetado de maneiras múltiplas, isto é, nenhum corpo é afetado da mesma forma que outro corpo, pois o que toca e leva um indivíduo a pensar sempre se expressa de maneira singular e não genérica, embora as ideias possam ser compreendidas e compartilhadas entre muitos corpos-mentes (NOVIKOFF, CAVALCANTI, 2015 p. 91)

No Mapa do Percurso Fundamentos Filosóficos, na turma de 2016.1 tem o registro desta performance que pode ser assistida neste vídeo, a partir dos 2 minutos e 10 segundos:



Figura 5: Recortes Mapa do Percurso 2016.1, vídeo na íntegra disponível em: <https://youtu.be/mWv-UbKcdo0>

O Mapa do Percurso demonstrou que a minha leitura de mundo afetava a minha leitura da palavra, pois não é possível falar sobre os processos de aprendizagem desconsiderando o contexto em que estão inseridos (PEREIRA, 2014). Essa primeira produção foi o start para entender que “a avaliação é um processo mais amplo do que atribuir nota” (DARIDO, 2012 p.127), e que muito mais do que a nota o que importa é o que/como/quanto conseguimos aprender na disciplina. Foi com essa experiência, em 2016, que tive o primeiro contato com esse jeito múltiplo de ensinar e aprender, mas somente no final da graduação, por intermédio de Pereira (2014), que identifiquei a Pedagogia dos Multiletramentos elaborada pelo New London Group.

Já na disciplina de Desenvolvimento Humano 2017.1, o objetivo era apresentar um dos estágios da vida. Dentre as coisas possíveis, optei por não fazer uma descrição da segunda infância (ARMSTRONG, 2011) de acordo com as aulas que tinha assistido. Apresentei a partir do relato das experiências de uma professora da Educação Infantil. Sendo parte integrante de uma família de muitos professores, eu tinha facilidade de estar dentro de um colégio. Fiz alguns recortes de imagens, fotografia, coletei algumas respostas da professora sobre a sua rotina e me dei por satisfeita. Revisitando essa produção agora em 2021.1, eu percebi inúmeras possibilidades de apropriação que não foram exploradas, nesta ocasião, apesar de criar um vídeo, portanto, de já saber editar, eu ainda abordava de forma superficial os conteúdos.



Figura 6: Recortes Segunda Infância, vídeo na íntegra disponível em: <https://youtu.be/xslv0XgT7LY>

Uma outra disciplina que resgato neste momento, para comentar sobre a minha produção final, foi a de Fundamentos Socioantropológicos da Educação Física, cursada no segundo semestre de 2017. Insisti muito com a minha equipe para falar sobre Esporte e Mídia, porque eu queria aprender sobre a temática, dessa vez o meu objetivo era ter uma experiência significativa, além de garantir a avaliação da disciplina. Aproveitei esta oportunidade de adquirir conhecimento, como uma aventura apoiada pelo professor (MORIN, 2001) da disciplina. Durante as pesquisas para desenvolvimento desse trabalho, conheci o Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva (LABOMÍDIA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Estudei as relações de consumo presentes na mídia e no esporte, a mídia sendo utilizada como recurso para despertar interesse e gerar impacto. Desenvolvi a apresentação de *power point* objetivando além de informar, gerar impacto visual. Funcionou, e tive a sensação de que fiz algo importante!



Figura 7: Capa Mídia e Esportes Fonte: Acervo Pessoal

Naquela altura, no final de 2017, não estava satisfeita com o meu caminho acadêmico, minha vida pessoal, tinha muito mais baixos, do que altos... Consigo contar nos dedos os momentos em que eu senti que tinha feito algo que ficaria marcado na minha formação, foram dois, e os dois foram citados acima: o mapa do percurso (fundamentos filosóficos) e o trabalho de mídia (fundamentos socioantropológicos).

Voltei para o semestre letivo de 2018, decidida a fazer o mínimo possível por cada disciplina em que eu estava matriculada, ou seja, comparecer as aulas e não desistir. Porque desistir/abandonar(me), era o que mais eu tinha feito nos dois anos iniciais do curso.

Naquele ano, as aulas da disciplina Ética e Profissionalidade aconteciam as quartas-feiras nos primeiros horários da manhã. Além de apresentar os dilemas éticos, o código de ética do Profissional de Educação Física, a Profa. Tatiana Zylberberg, também trazia para as suas aulas elementos de gerenciamento de tempo, planejamento a curto, médio e longo prazo, gestão de carreira; coisas que te colocam a pensar o futuro. O trabalho final consistia na “Mochila do Educador”, os(as) alunos(as) deviam colocar nessa “mochila” coisas que usariam no seu futuro profissional. Até a data limite eu não conseguia pensar no meu futuro profissional e mais uma vez, quis desistir. Mantendo o compromisso comigo mesma elaborei, a partir das muitas dúvidas que tinha, a minha Mochila do Educador. Desenvolvi em formato de revista, trazendo os conteúdos da disciplina que julguei necessários para carregar na vida,

mas, antes deles, a frase do livro Alice no País das Maravilhas: “Para quem não sabe aonde vai, qualquer caminho serve.”. Pois ainda existia essa dúvida em mim. Qual o caminho? Eu não sabia, mas já tinha a certeza de que, seja qual fosse o caminho escolhido, eu iria querer estar por inteiro.

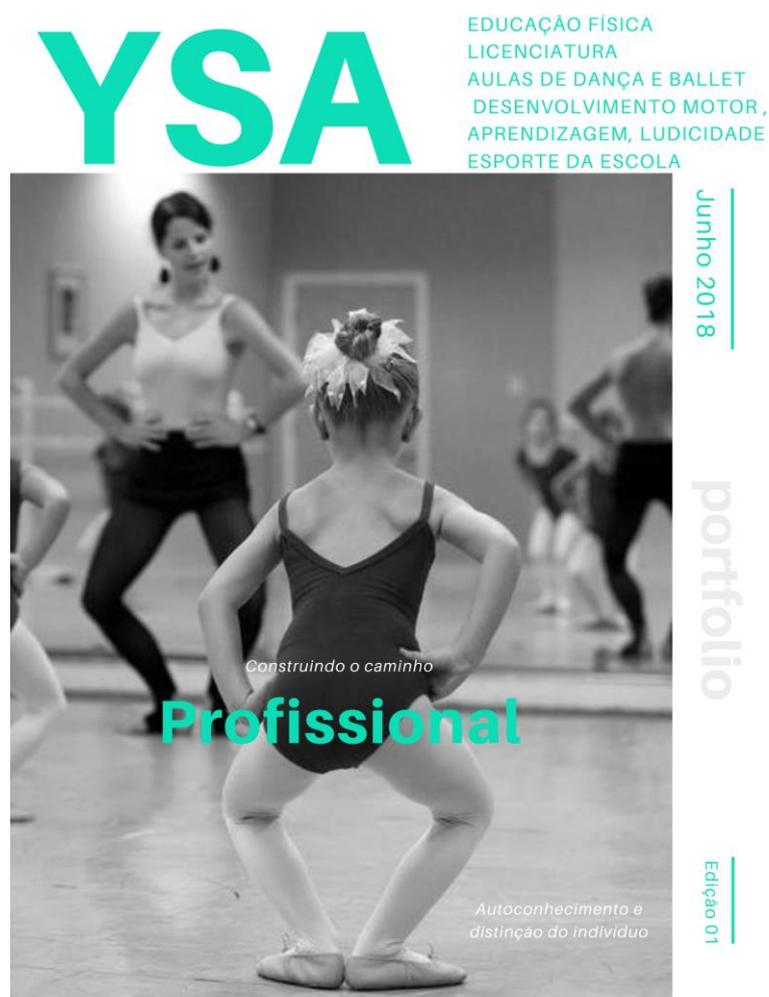


Figura 8: Capa Mochila do Educador Fonte: Acervo Pessoal

Aquele trabalho mexeu comigo de alguma forma. Veio a ser o marco de um novo capítulo, uma mudança de direção no caminho que estava trilhando. No dia seguinte, foi quando aconteceu o meu “encontro” com a Profa. Tatiana ali no corredor. Essa parte da história foi descrita anteriormente na introdução deste trabalho, ela sabia o que eu podia criar e fez o convite-convocação. De certa forma, aquele foi o momento que enxerguei e, decidi, para que lado ir na encruzilhada.

PRODUÇÕES COM DIÁLOGO E ORIENTAÇÃO: O MOMENTO QUE COMECEI A ENTENDER QUE NÃO ESTAVA PERDIDA

No mesmo semestre de 2018 que comecei a ser bolsista do Conecte e Crie⁸, iniciei viagens para apresentar trabalhos de minha autoria em nome do projeto. Participei do Encontro Nacional do Observatório da Mídia Esportiva (ENOME) com vídeo sobre Inclusão no ensino superior, material em vídeo que editei, inclusive com audiodescrição.

O ENOME aconteceu nos dias 22 a 24 de novembro de 2018 sob a temática: “Quem emancipa a emancipação da Educação Física? Cuidávamos estar perto do porto, mas somos lançados em pleno mar alto”. O Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) nesses três dias foi espaço de discussões sobre Educação Física, mídia e esporte, e também sobre Mídia-Educação na educação física. O DEF/UFRN se configurou num lugar de encantos, possibilidades e paixão, dos professores de Educação Física que estudavam Mídia. Foi um momento de ouvir e aprender mais sobre os interesses dos professores, que eram semelhantes aos meus.

Apresentei o vídeo que editei, com a entrevista da aluna Rayloma Lemos, sobre Educação Inclusiva. A produção foi exibida na Sala de Imagem (Sala SIM)⁹ durante os três dias de evento. Estar naquele espaço, assistindo o vídeo que eu produzi, ao lado de colegas de curso que também estavam ali para falar sobre coisas que acreditavam e gostavam, foi um despertar para a ciência, mas era só o começo desse processo extenso.

As primeiras “fichas” foram caindo! A experiência desse evento acadêmico em Natal-RN, partilhando saberes sensíveis, proporcionou a descoberta de novas possibilidades de aprender, ensinar e ver o mundo, um processo de autodescoberta a partir das aprendizagens possíveis em uma situação de entrega e desejo de estar presente (ZYLBERBERG e BEZERRA, 2017).

Morin (2001) afirma que: “Para que o conhecimento seja pertinente, a educação deverá torna-los evidente.”. O ENOME 2018 veio como uma janela para ver o mundo. Enquanto, de dentro do meu quarto, eu tinha uma visão reducionista de tudo o que eu vinha

⁸ Projeto de extensão – mais informações ZYLBERBERG ET ALL, 2014.

⁹ A sala de imagem (SIM) é uma proposta de pesquisar e refletir com linguagem da fotografia e vídeos que nasceu no GTT de Comunicação e mídia do CBCE, no Conbrace e depois ganhou outros cenários em eventos científicos da área. Mais detalhes, no capítulo 1 “Aspectos históricos, consolidação e perspectivas do GTT Comunicação e Mídia” escrito pelo Comitê Científico GTT Comunicação e Mídia (2020).

realizando, baseado no: “Não fez mais que a sua obrigação”; no ENOME eu conheci o “mundo” da mídia esportiva como ele é. Foi um tijolo na Reforma do (meu) pensamento (MORIN, 2001). No DEF/UFRN as coisas eram evidentes. Conheci a mídia esportiva, reconheci a mídia educação física como objeto de conhecimento, em um primeiro passo para articular e organizar os conhecimentos adquiridos nessa trilha.

No ano seguinte, em setembro de 2019, participei do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE). O evento teve como tema: O que pode o corpo no contexto atual? Controle, regulação e perda de direitos como desafios para Educação Física e Ciências do Esporte. Expusemos as “Imagens Públicas” na Sala SIM, uma produção que surgiu a partir da situação visível de abandono em alguns espaços do IEFES, que durante o ano de 2019 fez com que os(as) alunos(as) gritassem pelo campus universitário a plenos pulmões que: “O IEFES também é UFC”!

As imagens estão presentes no nosso cotidiano a todo momento, tanto dentro como fora da universidade. Temos imagem na televisão, nos jornais impressos, nas redes sociais, em propagandas espalhadas pela cidade, até durante as aulas as imagens comunicam algo. Com a mostra “Imagens Públicas”, queríamos comunicar as “possibilidades pela metade” vistas diariamente pelo IEFES, traduzidas em uma piscina “meio cheia” de água da chuva, a metáfora do dinheiro público que não escorre pelo ralo já que o mesmo está tomado pela vegetação que cresce ao seu redor.



Figura 9: Imagens Públicas (3 das fotografias enviadas para sala SIM no Conbrace 2019)

Na disciplina de Laboratório Artístico IV, cursada no IEFES em 2018.2, produzi uma videodança gravada em um dos espaços pouco explorados/esquecidos do IEFES, as quadras de basquete. O roteiro partiu das minhas inquietudes sobre os ciclos de tempo, combinei a

dança com o audiovisual. Esse vídeo explicitou a plasticidade da linguagem escolhida. A dança presente no vídeo que carregava aspectos do tempo *Aeon*, o tempo criativo que não se mede em segundos, desdobrou-se em outras possibilidades de compartilhar poesia e dançar a vida no tempo presente (CUNHA & KUHN, 2018).



Figura 10: Trechos das imagens na parte da dança

A objetividade do pensamento simples, compartimentalizado, resume muitas vezes, uma produção a uma única coisa, impedindo de ver multiplicidade ou aplicabilidade em outros contextos. Quando a Profa. Tatiana assistiu ao vídeo, na disciplina que ela ministrava, veio o convite de agregar uma nova leitura a vídeodança produzida anteriormente, foi então que escreveu uma poesia, que reeditamos com as partes das filmagens do meu vídeo em Laboratório Artístico.

Menina-Moça-Mulher (texto poético de Tatiana Passos Zylberberg)¹⁰

O que toda menina pequena tem?
 O que toda menina pequena mulher
 Descobre de si no fio da vida?
 Quanta menina se perde
 Quando caminha sozinha?
 Pra entender que o corpo muda
 É! Um dia de repente cresce um pelo
 Dois... três...
 Um dia de repente
 O corpo esquenta por dentro
 E a roupa mancha de vermelho
 Há menina que não sabem o que é menstruar
 Para algumas,
 mistura vergonha
 Dor, medo, susto...

¹⁰ Para assistir esta outra versão, o vídeo na íntegra está disponível em: <https://youtu.be/ErSEeaIuF4k>

Acho que há aquelas que comemoram
 Mas o que pode um corpo?
 Quantas políticas de jeitos de andar,
 De sentar,
 De se portar...
 Eu acho que devia ter políticas pra gente aprender a ser saudável!
 É! Porque nas esquinas por onde eu ando
 Encontro meninas que carregam caraminholas
 Elas têm um receio esquisito de conhecerem a si mesmas
 Elas têm tanto medo,
 Tanta vergonha,
 Tanta memória embolada
 É memória pra trás, pro passado,
 E pra frente!
 Desde pequenas vão aprendendo a ter sonhos de mulher
 Mas acho que esqueceram de ensinar o que é ter corpo de mulher
 Quais são as mudanças que o corpo pode encarar, enfrentar
 E quais são aquelas que o corpo precisa realmente encarar, enfrentar
 A gente devia cuidar mais das meninas
 Isso não tem nada a ver com o fato
 De dizerem por aí que elas são frágeis
 Não! Não é isso!
 A gente precisa cuidar para que elas aprendam
 Que para ser mulher não é preciso sofrer
 Só é preciso entender
 O que pode o corpo
 E o que pode no corpo

Aquela produção foi a primeira que nasceu da minha aproximação com o tema da Mulher. O meu percurso acadêmico foi a partir daí, intensamente marcado pela participação no projeto de extensão Mulheres e Novelas. Fui bolsista neste projeto, tanto nos corredores da Maternidade Escola Assis Chateaubriand (MEAC), em ações de escuta e educação em saúde no ambiente hospitalar, como ainda, dancei o espetáculo “Um fio por vez”, que tematiza a endometriose e a vida feminina. Além de estar no palco como bailarina, trabalhei horas na edição do áudio que interliga vozes/narrativas e músicas. E meu processo mais profundo e autorial se deu com as oficinas de consciência corporal. Foram muitas trilhas, outras encruzilhadas e muita emoção na pele.



*Figura 11: Recortes Um Fio Por Vez vídeo na íntegra disponível em:
<https://youtu.be/Cfkj-YPs2pM>*

Em 2018, o Projeto de extensão Mulheres e Novelas juntamente com a Escola de Dança do IEFES (Instituto de Educação Física e Esportes) iniciou as ações das Oficinas de Consciência Corporal, apoiadas pela Secretaria de Cultura Artística da UFC e coordenadas pela Profa. Tatiana Zylberberg. A oficina de prática de consciência corporal tem como seu objetivo principal atender a mulheres com dor pélvica crônica e dores menstruais. É um espaço para que as mulheres entendam melhor o seu próprio corpo, percebam como reagem a estímulos, encontrem e produzam questões de autoconhecimento.

No ano de 2019, apesar de as oficinas manterem o objetivo principal, passaram a fomentar de forma mais explícita o autoconhecimento e o autocuidado, procurando ofertar práticas que visam o bem-estar por meio da movimentação corporal, fundamentada a partir de práticas de yoga, técnicas somáticas de movimento, antiginástica, sistema Laban, técnicas de improvisação que proporcionam a construção de uma experiência de intimidade com o Eu. Assumi esta atividade e fizemos diversos encontros ao decorrer do ano.

Mas em 2020 com a pandemia, era necessário criar novos formatos, não podíamos ir ao IEFES e ficar na sala 05, naquele espaço sem carteiras. Então assumi a proposta de criar um vídeo por semana e produzi 29 vídeos sobre consciência corporal que foram postados no canal do YouTube do Mulheres e Novelas, também no IGTV do Instagram do projeto.



Figura 12: Recortes Oficina de Consciência Corporal Playlist na íntegra disponível em: https://youtube.com/playlist?list=PLYG6_m_M7t0QlQrv0Pb2p_xcMKor0np0v

Ao final da minha participação como bolsista no projeto Mulheres e Novelas, produzi um e-book, Guia de Práticas de Consciência Corporal. O e-book listou todas as práticas disponíveis no canal do projeto no Youtube, separados em nove categorias: vídeos teóricos, focados em articulações, dor nas costas, respiração, relaxantes, flexibilidade, para executar na cadeira, para executar na cama, nível intermediário e em cada descrição de vídeo um QR-Code de acesso direto ao vídeo escolhido.



Figura 13 - Capa e uma página do E-book
Guia de Oficinas de Consciência Corporal Fonte: Acervo Pessoal

Em paralelo a essas experiências como bolsista do Mulheres e Novelas, eu cursei diversas disciplinas, que também precisaram ser vivenciadas de forma integralmente virtuais.

No semestre 2020.1, na disciplina de Socorros Urgentes em Educação Física a nossa tarefa como estudantes, era produzir um vídeo que representasse as condutas necessárias durante os primeiros socorros. Os(as) alunos(as) tinham a possibilidade de se reunir em grupo e fazer a gravação sendo eles(as) mesmos(as) os(as) personagens, reproduzindo as ações de primeiros socorros no vídeo. Elaborei um vídeo utilizando recortes de uma série médica de sucesso, Anatomia de Grey, com cenas exemplificando e descrevendo as práticas. Para a produção desse vídeo, além da pesquisa dos procedimentos necessários para as situações de risco e primeiros socorros, houve uma pesquisa dentro dos episódios da série em que as situações de risco acontecem e são bem exploradas na cena. Na mesma disciplina, construímos um portfólio de práticas de primeiros socorros. Esse portfólio era basicamente descritivo. A prática de primeiros socorros é algo que não dá espaço para interpretações, nesse caso existe uma única resposta. Como defendo neste TCC, o fato de existir uma única resposta não significa que exista uma única maneira de responder. O portfólio foi elaborado no formato de infográfico¹¹ a fim de entregar a informação de uma maneira rápida e clara com o auxílio de imagens, setas e outros recursos gráficos.

Produzi também, no mesmo ano, uma unidade temática sobre ginástica que contava com uma videoaula. Dessa vez para a disciplina de Educação Física no Ensino Médio. A videoaula contava com recortes, elementos interativos, Picture-in-picture¹² e um leque de opções possíveis dentro da temática.

A essa altura eu já, ou finalmente, vi o que Morin (2001) destaca sobre Inteligência Geral e como a Educação promove essa inteligência.

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular, ou, caso esteja adormecida, de despertar. (MORIN, 2001, p.37)

A minha mente antes formada pela disciplina, sob o paradigma dos conteúdos isolados, fragmentados, independentes; foi aos poucos, e com muita insistência, se abrindo para a

¹¹ Infográfico é um texto visual e explicativo associado a elementos não verbais, apresentam mais imagens do que palavras.

¹² Picture in Picture

contextualização do que aprendi na Educação Física e integração dos mesmos com minhas aptidões naturais, com o que eu trazia da minha experiência.

As produções listadas acima contaram com apoio e incentivo da orientadora deste TCC que, desde os primeiros contatos, viu tudo aquilo que eu não sabia que podia criar ¹³ (BEZERRA, 2015)

¹³ Referência ao documentário Aquilo que a gente nem sabia que podia ser. Produzido pelo Prof. Fabrício Leomar que narra a história da Prof^a. Tatiana Passos Zylberberg no seu exercício de docência.

ENSINO REMOTO, APRENDIZAGEM NA CARNE: ENFIM ENTENDI QUE NÃO ESTAVA PERDIDA

NOTA EM LETRAS GRANDES.
DISCENTE QUE ESTUDA MÍDIA,
NÃO É BLOGUEIRINHA.
DOCENTE QUE UTILIZA MÍDIA,
NÃO É BLOGUEIRINHA.

No ano de 2020, na segunda feira dia 16 de março, a Universidade Federal do Ceará (UFC) suspendeu suas atividades presenciais por 15 dias devido à pandemia de coronavírus. Essa notícia, assim como o vírus, se espalhou rápido e o que não imaginávamos era que esses 15 dias, eram o início de um ano inteiro de ensino remoto.



Figura 14: Recorte de Notícia Suspensão das Aulas Fonte: Portal da UFC Notícias, 2020

O desafio, para todos os professores, era continuar o ensino através de uma tela e por ela também avaliar se o processo obteve êxito ou não. O ensino remoto emergencial foi a solução encontrada para manter as atividades escolares durante a pandemia. Diferentemente da Educação a Distância (EAD), o ensino remoto é algo provisório, sem projeto ou planejamento pedagógico que oriente a prática e atividades pedagógicas.

O Ensino a Distância possui características que de acordo com Saldanha (2020) não estão presentes nas aulas remotas como: criação de uma comunidade virtual para compartilhar

experiências; atenção aos aspectos emocionais do aluno por meio de ferramentas e ambientes virtuais; experiência dos professores com práticas pedagógicas on-line; material desenvolvido especificamente para o(a) aluno(a) a distância; disciplina, autonomia e motivação para estudo em ambiente virtual.

Diariamente recebíamos notícias sobre a piora do cenário mundial. A certeza da incerteza gerou muita ansiedade. Um cenário desconhecido que minou aos poucos os planos de futuro, nos fez cada vez mais agradecer e lutar pelo presente. Esse cenário tão extremo foi necessário para que eu, como aluna, fosse capaz de enxergar a relevância dos recursos de imagem, áudio e vídeo na educação.

Na encruzilhada que a pandemia me apresentou, e ao (re)fazer as minhas trilhas midiáticas e sistematizar minhas produções fui perdendo minha “cegueira”, fui me curando das ilusões. Quando mundo fechou, da noite para dia, o curso inteiro de formação precisou ser virtualizado. O ensino remoto nesse contexto foi cansativo e estressante. Depois compreendi que não era apenas pela mudança de ambiente de estudo, mas por estar imersa no medo de um vírus que pouco sabíamos sobre, e experimentando um luto coletivo. Nietzsche em seu pensamento “A Grande Saúde” acredita que após uma dor, uma perda, temos um desejo pela vida renovado, como se a dor estimulasse a ação (CZERESNIA et al., 2013); sinto que foi o que aconteceu comigo. Estava tudo tão ruim, que senti a necessidade de me apegar no que fazia sentido pra mim: as mídias.

Quando Pereira (2014) cita *pertencimento cultural*, eu entendi como essas produções elaboradas para as avaliações de disciplinas, exposições em congressos, informativos em redes sociais carregavam identidade e saber. Saber esse que eu não conseguia associar a essas linguagens (vídeo, dança, revista, jogo, portfólio). Até então pensava que tudo produzido e descrito nos capítulos acima não possuía valor algum como conteúdo acadêmico, afinal sempre ouvia piadas sobre Yara-Blogueirinha. O termo blogueirinha tomou uma conotação pejorativa devido a atuação caricata de influenciadoras em redes sociais, que na “falação” comentam sobretudo e, porque vendem qualquer coisa! Neste sentido, há um preconceito de que as mídias sociais sejam superficiais e fúteis e, quem a utiliza, não seria capaz de produzir e/ou veicular conhecimento científico.

Portanto, se todos não tivéssemos sido agredidos por algo tão violento, como a pandemia de COVID 19 que nos lançou da noite para o dia num mundo virtual como forma mais

presente de existir, seja para estudar, trabalhar, conviver, consumir, ter lazer, se relacionar... esse TCC no qual descrevo diversas produções autorais, poderia “ainda” não me convencer do “valor acadêmico” dessas produções. Com o virtual sendo a única possibilidade de estudo e convívio, esse foi o momento que além de degustar o prazer de trabalhar com mídias de dentro de casa, pude ampliar as formas de ver e fazer Educação Física. No meio de tantas notícias ruins, vivi algo bom, que é criar, e isso foi a melhor coisa que aconteceu: ENFIM, ENTENDI QUE NÃO ESTAVA PERDIDA!

Esbarrei no Complexo, o que foi tecido junto (MORIN, 2001)! Vi, finalmente, que minhas produções não eram apenas informações e dados isolados, elas dialogam com a realidade, considerando o contexto, o global, o multidimensional e o complexo (MORIN, 2001). Contextualizei as produções para que elas possam ser carregadas de sentido e não apareçam para quem lê ou assiste, de maneira isolada e compartimentalizada. Cada produção dialoga com o objeto de conhecimento e seu contexto, sua autoria, de maneira interativa, interdependente, estabelecendo união entre a unidade e a multiplicidade (MORIN, 2001).

Por meio da investigação das minhas práticas criativas e autorais, agora compreendo, que para produzir um vídeo, um infográfico, ou uma “insira aqui a linguagem de sua preferência”, não basta um computador, ou aplicativo; porque até para improvisar você precisa de repertório, você precisa de letramentos (PEREIRA, 2014).

O conceito ampliado de alfabetização de Paulo Freire – uma das referências centrais para a constituição dos multiletramentos – , ao dar ênfase à indissociável relação entre as leituras do mundo e as da palavra, instiga a educação a aproximar-se da arte, da memória, da comunicação, das mídias, do lúdico, das mais diversas linguagens e, entre elas, o movimento humano¹² (PEREIRA, 2014, p.33,34)

Conheci por intermédio de Pereira (2014) os Multiletramentos. Este movimento internacional reivindica que as linguagens multimodais e expressas em diferentes meios sejam consideradas no âmbito educacional como práticas criticamente situadas em vários contextos. Descrito como a Pedagogia da Sinestesia, por agregar diversas linguagens os multiletramentos trazem a possibilidade de novas formas de expressão e diálogo (PEREIRA, 2014). Abrindo espaço para integrar diversos conhecimentos, a Pedagogia dos Multiletramentos está presente na educação do futuro quando Morin (2001) diz que a educação ao mesmo tempo transmite o antigo, considerando as relações ancestrais, e abre a mente para receber o novo.

O novo, o incerto, o imprevisível aconteceu em 2020. De dentro das nossas casas fomos convidados a Enfrentar as Incertezas (MORIN, 2001), por mais que as discussões sobre a

imprevisibilidade escolar e sobre a necessidade de reinvenção constante do professor, a pandemia nos trouxe um campo novo, que não podia ser previsto. A necessidade do ensino remoto foi, para mim, um complexo de desordem e reorganização presentes em um processo de transformação/evolução (MORIN, 2001); talvez necessários para a mudança de paradigma quanto as minhas concepções do que é ciência.

A TRILHA CONTÍNUA NO HORIZONTE

Em 2020, quando li a tese de doutorado de Pereira (2014) escrita como “Ensaio” enxerguei que a escrita acadêmica não se torna rigorosa pela linearidade na construção do texto, mas sim pelo quão denso se torna a partir de suas conexões. Assim também se deu o meu processo de aprendizagem em que a densidade das propostas só se fez possível a partir de suas tessituras, nas mais diversas trilhas em que enveredei.

Encontrei no Conecte Crie (C&C) um espaço que acolhe o que o(a) aluno(a) traz de outras dimensões da sua vida para a universidade (ZYLBERBERG et all, 2014), de incentivo ao protagonismo por intermédio dos seus próprios modos de ler o mundo (PEREIRA, 2014). Foi no C&C que eu criei e me conectei com outros sujeitos criadores. Essa primeira experiência “fora da casinha” foi a primeira ruptura com a hierarquia tradicional dos saberes em que as únicas contribuições válidas são as dos(as) professores(as), como se eles(as) possuíssem todo o conhecimento e os(as) alunos(as) nenhum, tirando a sua autonomia, tendo seus pensamentos censurados, ou “deixados pra depois”.

Constatai que o processo de ensinar passa pela compreensão do outro e pela compreensão de si, aprender em conjunto, abraçar junto; motivar o movimento de criação, conhecendo sujeito a sujeito. Incentivar a autonomia descobrindo um processo de aprender/ensinar que não acusa nem condena, como destaca Morin (2001) ensinar a compreensão.

A compreensão não desculpa nem acusa: pede que se evite a condenação peremptória, irremediável como se nós mesmos nunca tivéssemos conhecido a fraqueza nem cometido erros. Se soubermos compreender antes de condenar, estaremos no caminho da humanização das relações humanas (MORIN, 2001, p.100)

A Menina que aprendeu a ter medo de errar, a ficar quieta quando tinha dúvidas, a desvalorizar as suas produções porque ninguém fazia daquele jeito, foi (infelizmente) constatando um “desvalor” de si. A Moça que começa a dançar, fotografar, performar, editar na universidade foi percebendo que se “conectava e criava”. A Mulher que hoje escreve este trabalho de conclusão de curso, enxerga que pode fazer escolhas diante da(s) encruzilhada(s). E nesse percurso, se apropriou de conceitos e teorias que deram suporte para (re)conhecer as suas produções como experiências formativas de valor.

REFERÊNCIAS

- ALVES, G. de A. Narrativas de si: reflexões teórico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica como abordagem de investigação e formação docente. Anais **IV CEDUCE...** Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/11282>>. Acesso em: 04/08/2021 13:37
- ABREU, S. M. B. de; NÓBREGA-THERRIEN, S. M.; SILVA, S. P. Experiência com narrativas autobiográficas na (auto)formação para a pesquisa de licenciandos em educação física. **Educ. Form.**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 183–194, 2017. DOI: 10.25053/edufor. v2i5.2287. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/143>. Acesso em: 14 jul. 2021.
- ARMSTRONG, T. **Odisseia do desenvolvimento humano**: navegando pelos 12 estágios da vida. Trad. Roberto Costa. Porto Alegre: ArtMed, 2011.
- BEZERRA, F. L. L. **A corporeidade como possibilidade de desvelar um processo de aprendizagem**. Mestrado em Educação - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2015. 173f.
- CAZDEN, C.; COPE, B.; FAIRCLOUGH, N.; GEE, J.; et al. A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures, *Harvard Educational Review*, Harvard, Vol. 66, Nº. 1, Spring 1996, p.60-92.
- Comitê Científico GTT Comunicação e Mídia. Aspectos históricos, consolidação e perspectivas do GTT Comunicação e Mídia (Capítulo 1). In: **Comunicação e mídia: história, tensões e perspectivas**. Sérgio Dorenski, Larissa Lara, Pedro Athayde (Org). – Natal, RN: EDUFRN, 2020, p.11-28.
- CUNHA, A. C. & KUHN, R. O tempo no tempo das crianças. In F. Azevedo, H. Vieira, N. Fernandes & B. Pereira (Org.), **Estudos da Criança: Diversidade de olhares** (pp. 177-197). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança / Universidade do Minho, 2018.
- CZERESNIA, D. et al. **Os sentidos da saúde e da doença**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.
- FREIRE, P. Educação Bancária e educação libertadora. In. Patto, M. H. S. P. **Introdução à Psicologia escolar** (61 – 78). São Paulo; Casa do Psicólogo, 1997.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, nº 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002
- _____. O Ensaio e a Escrita Acadêmica. **Revista Educação e Realidade**. Vol. 28, n. 2, p. 101-115, jun./dez, 2003.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. 4. ed. (Trad. Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawaya) São Paulo/ Brasília: Cortez/ Unesco, 2001. 118p.
- _____. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- NOVA, J. V. da S. T. **A performance art como propedêutica da experiência: construção de sentidos e significados sobre, com e por meio do corpo**. Dissertação. Mestrado em

educação. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão-SE, 2016.

NOVIKOFF, C; CAVALCANTI, M. A. de P. Pensar a potência dos afetos na e para a educação. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 20, n. 3, 2015.

PEREIRA, R. S. Multiletramentos: Tecnologias digitais e os lugares do corpo na educação. **Tese (Doutorado)**, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/123332> Acesso em: 24 jan. 2021.

SALDANHA, L. C. D. O discurso do ensino remoto durante a pandemia de COVID-19. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, 17(50), 124-144. Santos, Edmea. (2019). Pesquisa-Formação na Ciberultura. Teresina: EDUFPI.

VENÂNCIO, L.; NETO, L. NARRATIVAS E ASSUNÇÕES COMO CATALISADORES DOS PERCURSOS METODOLÓGICOS DAS RELAÇÕES COM O SABER NA EDUCAÇÃO FÍSICA. **INTERNATIONAL JOURNAL EDUCATION AND TEACHING (PDVL) ISSN 2595-2498**, v. 1, n. 2, p. 82 - 103, 30 ago. 2018.

VENÂNCIO, L.; SANCHES NETO, L. A relação com o saber em uma perspectiva (auto)biográfica na educação física escolar. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 4, n. 11, p. 729-750, 20 jun. 2019.

ZYLBERBERG, T. P. TECNOLOGIAS DIGITAIS E AVALIAÇÃO: algumas conexões. **Motrivivência (UFS)**, v.34, p.61 - 71, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/17139>. PDF: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/17139/15842>

ZYLBERBERG, T.P; BEZERRA, F. L. L; CARMO, K. T. do; SANTOS, Y. I. da S. Que Educação Física você está criando? Conecte e compartilhe. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 41-52, set. 2014.

ZYLBERBERG, T. P.; BEZERRA, F. L. L *et al.* JUVENTUDE E INTERNET: POSSIBILIDADES DE “CRIAR” EDUCAÇÃO FÍSICA. In: **Atos de Pesquisa em Educação** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau (PPGE/FURB). 8, n.1, p. 182-208, jan/abr, 2013. Disponível em: <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa>

ZYLBERBERG, T. P., BEZERRA, F. L. L., CARMO, K. T. do, NUNES, A. R. N. M., CHAGAS, D. L., & CARVALHO, K. M. da C. (1). Espetáculo corpo: uma possibilidade para compreender a corporeidade. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, 87-102 – maio/ago. 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/3260>

ZYLBERBERG, T. P. BEZERRA, F. L. L. AQUILO QUE A GENTE NEM SABIA QUE PODIA CRIAR – OU, ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DE DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA PARA E COM AS NOVAS TECNOLOGIAS. In: NÓBREGA, Terezinha Petrucia da; MOREIRA, Wagner Wey (ORGs). **SER PROFESSOR(A) UNIVERSITÁRIO(A): O SENSÍVEL, O INTELIGÍVEL E A MOTRICIDADE**. Editora UFRN, 2017. E-book disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1503/SER%20PROFESSOR%28A%29%20UNIVERSITA%CC%81RIO%20-%20EBOOK%20.pdf?sequence=1&isAllowed=y>